

Para os bancos americanos, decisão agora cabe ao Brasil

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Os banqueiros americanos credores do Brasil esperam para a próxima semana uma decisão do Governo brasileiro que possa solucionar o atual impasse na questão da dívida externa.

Segundo uma fonte bancária, não há mais do que duas maneiras hipotéticas de se resolver a crise. A primeira seria a concessão de um "empréstimo-ponte" por parte do Tesouro americano, o que exigiria a contrapartida de um acordo formal do Brasil com o FMI. A segunda saída seria o pagamento, por parte do Brasil, de uma parcela dos juros que tem em atraso com seus credores americanos (fala-se em US\$ 1 bilhão). Neste caso, os bancos passariam a considerar então a possibilidade de conceder um refinanciamento correspondente aos outros US\$ 3,3 bilhões que faltam para completar os juros do País nas dívidas de médio e longo prazos, a serem pagos este ano.

Mesmo com o feriado de ontem nos Estados Unidos (descoberta da América), a Bolsa de Nova York apresentou uma queda de quase 11 pontos, em grande parte devido à

queda das ações dos bancos, principalmente do Citibank, que é o maior credor do Brasil.

Os banqueiros continuam confusos a respeito da atitude que deverá ser adotada pelos brasileiros na próxima semana, mas asseguram firmemente que, sem algum pagamento ou declaração formal de fim da moratória e ida ao FMI, o Brasil e os bancos caminharão inevitavelmente para um impasse, ainda que sem data claramente definida.

Daqui a 13 dias, na semana que começa em 26 de outubro, a Comissão de Seguros dos Bancos Americanos (F.D.I.C.), membros do Federal Reserve (banco central americano) e outras autoridades, num total de nove pessoas, estarão reunidos em Washington para considerar a questão e, provavelmente, declarar o Brasil como mau pagador, o que implicaria em sérias restrições ao crédito do País.

Neste caso, ao mesmo tempo, os bancos seriam forçados a aumentar suas reservas e lançar 10% ou mais dos créditos que têm junto ao Brasil na rubrica de "provisão para devedore duvidosos". Essa medida afetará de maneira drástica os lucros dos bancos americanos.

● **MAU CONCEITO** — O Brasil foi o país que registrou maior queda de conceito entre os bancos internacionais nos últimos seis meses, segundo pesquisa semestral realizada pela revista financeira "Institutional Investor", de Nova York. Tem, pelo menos, boa companhia nesta queda: os Estados Unidos, que durante anos ocuparam o primeiro lugar nesta lista de credibilidade internacional, e que agora baixaram para a quarta colocação, depois do Japão, Alemanha Ocidental e Suíça.

De seis em seis meses, a revista pede a uma centena de bancos que atribuam notas, numa escala de 0 a 100 pontos, a 109 países, avaliando desta forma a sua reputação financeira. O Japão figura desta feita em primeiro lugar, com 95,4 pontos, e a Coreia do Norte ocupa a última colocação, com 4,3 pontos. Os países da América Latina, devido a seus problemas de endividamento externo, apresentaram uma cotação média de 21,2 pontos, cerca de metade do que registravam em março de 1981. Esta média é inferior apenas à registrada pelos países africanos menos desenvolvidos (19,6).

Os Estados Unidos, líderes durante muitos anos, caíram para a quarta colocação, com 92,5 pontos. O conceito brasileiro, nos últimos seis meses, caiu de 56 para 54 pontos.